

Apresentação

Danilo Lôbo

*Depto. Teoria Literária
Universidade de Brasília*

Uma novela de Brasília, ou melhor, do Distrito Federal, ou melhor ainda, do Planalto Central, *Horizonte cerrado*, de Antonio Miranda, registra a história de “algumas vidas banais” que, cada uma a seu modo, “se levam muito a sério, dando-se uma importância que não têm e que nunca terão – sejam ricos ou pobres, cultos ou ignorantes.”

Com os olhos voltados para um horizonte existencialmente cerrado, portanto ocluso, mas que é também o horizonte do Cerrado, consabidamente aberto, criaturas de papel e tinta, reféns da fatalidade, transitam em um espaço ficcional que não lhes oferece nenhuma possibilidade real de salvação. Assim, e ao contrário das flores agrestes que, não obstante as adversidades naturais, eclodem no Cerrado, elas ali vegetam, sem nunca desabrochar plenamente. Sobrevivendo nesse *habitat* hostil, a sua exígua seiva se esvai, sugada pela árida atmosfera que as envolve e pelo contato pernicioso com as outras criaturas com quem se relacionam.

Uma novela? Sim. Não por ser um texto curto, entre conto e romance, mas por sua estrutura contrapontística, que permite ao autor trabalhar simultaneamente vários núcleos narrativos. Em uma obra onde cada capítulo é construído em torno de uma personagem fugidia que desaparece intermitentemente para ceder lugar a outra, Antonio Miranda capta a imponderabilidade dos inter-relacionamentos humanos: vidas que se cruzam, descruzam, para se cruzarem novamente, quando o destino, mais uma vez, as reúne, formando uma teia de acontecimentos que se tece, se rompe e de novo se refaz. Entretanto, nessa novela sem protagonistas, e muito menos heróis, onde tudo ou nada é possível, há um fio diretor que, mais do que por qualquer personagem, é conduzido pelo acaso que, ilusoriamente, ata e desatada os nós da cadeia dos acontecimentos.

Mais do que homens e mulheres inspirados em seres do cotidiano, as personagens de Antônio Miranda são emblemas, personificações dos tipos humanos, morais e intelectuais que orbitam em volta de Brasília. Alguns, provenientes de pequenas localidades

do interior do País, não conseguem sobreviver no espaço urbano da Capital Federal, encarnado, por mais de um motivo, em Walkiria, que, como as temíveis deusas escandinavas, passa como um vendaval abatendo os guerreiros que encontra em seu caminho. Outros corporificam a atmosfera mística que sobrepára ao Planalto Central, como Seu Geraldo e Jane, símbolos do curandeirismo e do esoterismo, respectivamente. Outros, ainda, como Michão e Ângela Maria, são representações do submundo contemporâneo das drogas e da prostituição ao qual estão destinados aqueles que não podem ou não sabem aproveitar as poucas oportunidades de soerguimento a eles por vezes oferecidas. Há ainda Mércio, cabeleireiro homossexual, que, a seu modo, “vence na vida” penteando os cabelos das dondocas e ficando, no final – mas até quando? –, com o já gorducho Agnaldo, sem esquecer Roberto Carlos, uma espécie de arbusto do Cerrado que, transplantado para São Paulo, leva consigo a forma atarracada e retorcida de sua origem.

Todas essas personagens, marionetes na mão de um criador todo-poderoso – apesar do esforço do autor para camuflar sua onipotência, graças a um discurso que busca criar a ilusão de liberdade e fortitude nos inter-relacionamentos de suas criaturas –, são observadas de longe pelo professor Leocádio, funcionário público aposentado, espécie de *alter ego* do autor, personagem que permite a Antonio Miranda emitir opiniões críticas diversas sobre o mundo e as pessoas, olhados, no início, com uma certa perplexidade e, no final, senão com aceitação, pelo menos sem condenação.

Em uma prosa bem escrita, direta e contundente, *Horizonte cerrado* cativa a atenção do leitor, sobretudo a daqueles conhecedores da história e da região geoeconômica do Distrito Federal, que hoje se estende para além de suas fronteiras políticas.

Estruturalmente, a narrativa se fecha no penúltimo capítulo, mas Antônio Miranda, antes de concluí-la, opta por sacudir o leitor e trazê-lo de volta à realidade. Em um epílogo *hors texte*, intitulado “Desconstrução”, onde demiurgicamente questiona a verossimilhança de sua própria criação, ele oferece desenlaces alternativos para suas personagens, subvertendo, desse modo, o inicial horizonte de expectativa do leitor, alicerçado no título *Horizonte cerrado*. Paradoxalmente, Antonio Miranda termina a sua novela em aberto, descortinando, de modo tácito e sub-reptício, outro título mais representativo, talvez, do seu desfecho inusitado: *Horizonte descerrado*.